

Notas sobre o conflito em Georg Simmel e Norbert Elias

Anna Bárbara Araujo

Graduanda do
Curso de Ciências
Sociais / UnB

Palavras chave:

Georg Simmel,
Norbert Elias,
conflito, Sociologia
do Conflito.

Key words:

Georg Simmel,
Norbert Elias,
conflict, Sociology
of Conflict;

RESUMO: Neste trabalho nos propomos a fazer uma breve aproximação entre Norbert Elias e Georg Simmel, no tocante ao tema do conflito, abordado diferentemente pelos dois autores. Nosso objetivo é o de encontrar continuidades entre o pensamento dos dois, e, especialmente, ver como em ambos está presente, mesmo que não desenvolvida, uma teoria dos "conflitos internos", ou, uma teoria do conflito no âmbito de uma específica economia das pulsões. De Simmel, analisaremos brevemente suas contribuições para o que se convencionou chamar de Sociologia do Conflito. Em relação a Elias, o foco são as mudanças ocorridas no gabarito de controle e autocontrole ao longo dos séculos. Para tal, nos debruçaremos principalmente, sobre as obras: *Sociologia: Estudos sobre as formas de socição* (1939) e *O Processo Civilizador* (1993), de Simmel e Elias, respectivamente.

ABSTRACT: In this paper we propose to do a brief comparison between Norbert Elias and Georg Simmel, in the matters of sociology of conflict, approached differently by both authors. Our goal is to find continuity between their theory, and, specially, see how a theory of "internal conflicts", or a theory of conflicts in a specific economy of pulsations, exists in both of them, even if not developed. From Simmel, we shall analyse briefly his contributions to what is commonly called Sociology of Conflicts. Related to Elias, the focus are the changes occurred in the control and self-control through the centuries. In order to do that, we shall concentrated in the books: *Sociologia: Estudos sobre as formas de socição* (1939) and *O Processo Civilizador* (1993), of Simmel and Elias respectively.

Introdução

Poderíamos realizar uma análise comparativa entre Simmel e Elias sob diversos aspectos: os autores se aproximam com relação à sua idéia de social como processo, eterno vir-a-ser; a ênfase de ambos no tema das emoções, ou afetos, como constitutivos da sociedade, o que, por conseguinte nega um abismo intransponível entre fenômenos psíquicos e fenômenos sociais; e uma certa visão que poderíamos chamar de pessimista, que se deflagra na constatação da autonomização da cultura objetiva como tragédia, ou na forte imagem do indivíduo *blasé* no primeiro e a reflexão dos efeitos do processo civilizador no tocante a uma não saudável mediação entre controle e prazer, o que culmina em sujeitos que não lidam bem com suas próprias pulsões, no segundo. Isso sem contar as inúmeras semelhanças nas trajetórias pessoais e profissionais de ambos (origem judia, alemães, *outsiders*, reconhecimento tardio ou póstumo, entre outros). Poderíamos também apontar várias diferenças entre os mesmos autores, como, por exemplo, a crença de Simmel, sob alguns aspectos, do indivíduo como realidade última e portador da realidade histórica, idéia a qual Elias não corrobora; e, indo além, notamos diferenças características no estilo de escrita dos dois autores: o primeiro adotando preferencialmente o modelo de ensaios, curtos, e aparentemente descontínuos entre si e a predileção do segundo por textos

monográficos que abordam, em última instância um mesmo tema, que é central à sua obra, a saber o desenvolvimento do Ocidente no que diz respeito à sua auto-imagem.

Absteremo-nos aqui de tais intentos. O presente texto tem como objetivo analisar brevemente as contribuições de Simmel para o que ficou conhecido como Sociologia do Conflito e a posterior apropriação de Elias das contribuições do autor, não em sua totalidade, naturalmente¹. A partir deste primeiro recorte, trataremos mais detidamente sobre uma possível inserção do modelo simmeliano de conflito no tocante ao indivíduo, ou melhor dizendo, ao plano psíquico, ou a uma específica economia das pulsões. Tal intenção se justifica tendo em vista a ampla abordagem que Elias faz à respeito de um sujeito civilizado, e, portanto, mais controlado, e cada vez mais em conflito consigo mesmo. Analisaremos então, a multifacialidade do conflito, reconhecendo sua parcela na constituição mesma do social. Para tal, priorizaremos a obra *O Processo Civilizador* (1993) volumes 1 e 2 e, a *Sociologia* (1939) de Simmel.

2- O Conflito em Georg Simmel

Podemos, em alguma medida, fazer derivar logicamente o enunciado do conflito como inerente à interação social, revisitando a própria constituição do social tal qual a concebe Simmel: Se a unidade por excelência de que fala Simmel –

¹ A sociologia eliasiana do conflito e da violência ao que parece, também deve muito à psicanálise. No entanto, é difícil localizar os interlocutores do autor, visto que não há muitas referências a estes. Em todo o caso, não nos deteremos aqui sobre esse tema.

e aí a analogia com Elias é facilmente perceptível – é o todo relacional, e este todo é composto por interações que mutuamente se implicam, onde os efeitos são múltiplos, fica patente o caráter processual, dinâmico, mutável, do social. Essa noção de processo deixa ver que o autor privilegia o caráter instável das interações – note-se aqui que a instabilidade refere-se especialmente aos conteúdos da interação, não as suas formas, que são mais estáveis². Sendo assim, está descartada a possibilidade de existência de um equilíbrio sistêmico, estático, inerte, e abre-se a possibilidade para a inserção do conflito como constitutivo do social, sendo ele formador das (e formado pelas) próprias interações.

Uma das maiores contribuições de Simmel à sociologia foi sem dúvida sua reflexão sobre o conflito. Como vimos, a consideração do autor do social como eterno vir-a-ser, deixa espaço para a constatação de que existe um jogo de forças nesse espaço. Mais que isso, ele talvez seja o primeiro a elaborar uma teoria do conflito como algo positivo³. Isto é, o conflito não gera negatividade, ou seja, desintegração social, mas ao contrário, é elemento fundamental da própria unidade social⁴.

O conflito favorece a coesão social e permite a continuidade de um grupo, mesmo que isso signifique a eliminação de outro grupo em conflito (SIMMEL, 1939). É também, o que permite a convivência entre indivíduos que não se gostam, ou não se suportariam se em sua relação não estivesse presente certa dose de conflito. O conflito também informa posições sociais, fazendo com que as pessoas se agrupem por oposição ao grupo de suas “desavenças”, produzindo, muitas vezes, hostilidades mútuas. Nesse sentido, o conflito pode ser entendido como um modo de mediação de diferenças, e mais que isso, é uma função da relação, não tendo, portanto, nada de patológico.

E mais, toda a unidade social apresenta concomitantemente forças convergentes e divergentes, forças que reiteram a unidade ou a destroem. A unidade, portanto, não pode ser percebida sem considerarmos que nela há também, contradição. E é justamente essa desarmonia que propicia ou permite a mudança:

“Así como el cosmos necesita “amor y odio”, fuerzas de atracción y de repulsión, para tener una forma, así la sociedad necesita una relación cuantitativa de armonía y desarmonía, de asociación y competencia, de favor y desfavor, para llegar a una forma determinada. Y estas divisiones intestinas no son meras energías pasivas sociológicas; no son instancias negativas, no puede decirse que la sociedad real, definitiva, se produzca sólo por obra de las otras fuerzas sociales, positivas, y dependa negativamente de que aquellas fuerzas disociadoras lo permitan. Esta manera de ver, corriente, es completamente superficial; la sociedad, tal como se presenta en la realidad, es el resultado de ambas categorías de acción recíproca, las cuales, por tanto, tienen ambas un

valor positivo.” (SIMMEL, 1939, I, p. 248-249)

Simmel vê o conflito como fundamental a noção de interação social, o que não significa que sozinho, o conflito de fato produza integração: “Lo que en esta vida aparece inmediatamente como disociación, es, en realidad, una de las formas elementales de socialización.” (SIMMEL, 1939, I, p. 252)⁵.

2.1- Sobre o “conflito interno”

O que propomos aqui, é que à medida que o conflito foi aos poucos sendo banido da vida social, das interações, em sua forma violenta especialmente, tornando-se cada vez mais latente⁶, foi estabelecendo-se em um novo locus por excelência: o corpo. Assim, o conflito antes externalizado, ou realizado nas próprias reciprocidades, agora, produto das reciprocidades, é realizado no “indivíduo”⁷. De fato, Simmel esboça minimamente a possibilidade do conflito interno, individual, mas parece que quando da ocorrência deste, há busca pelo equilíbrio, exemplo disso é sua elaboração sobre o homem metropolitano que deve lutar para extrair de sua personalidade todo traço de irracionalidade, adotando a posição impessoal, quantitativa, compatível com uma economia do dinheiro (SIMMEL, 1987). Parece então, à primeira vista, que o conflito interno é algo a ser combatido, tal qual ele descreve:

“El alma individual nos ofrece con esto una analogía. El sentimiento de que un conflicto entre nuestras aspiraciones sensuales y estéticas, o egoístas y morales, o prácticas e intelectuales, no sólo rebaja en nosotros los derechos de una de la dos partes, no dejándolas desarrollarse libremente, sino que, con frecuencia, amenaza la unidad, el equilibrio y la energía totales del alma, ese sentimiento hace que en muchos casos se resuelva el conflicto antes de estallar; pero si esto no sucede, da a la lucha un acento particularmente enconado y desesperado, como si en realidad luchásemos por algo más esencial que el objeto inmediato de la lucha. La energía con que cada una de las tendencias se afana por sojuzgar a la otra, no se alimenta sólo de sus intereses, por decirlo sí, egoístas, sino del interés superior en la unidad del yo, para quien la lucha significa escisión y desconcierto, si no termina con el triunfo de una de las partes.” (SIMMEL, 1939, I, p. 275)

Entretanto, o equilíbrio tal como concebido por Simmel – e podíamos substituir Simmel por Elias mantendo a veracidade da frase – não é o equilíbrio sistêmico, estático, harmônico, mas ao contrário, o equilíbrio é também instável, processual, e um campo de poder. O equilíbrio é então, conflitivo, e logo, a estrutura de personalidade é também conflitiva:

² Embora também mudem, as formas em Simmel não são apriorísticas, são históricas. De fato, forma e conteúdo em Simmel, às vezes parecem confundir-se e tal distinção torna-se puramente operacional.

³ Weber é também um autor fundamental no tocante às relações de poder, suas contribuições, entretanto, não serão tratadas aqui.

⁴ Em geral, tende-se a considerar Marx como expoente de uma teoria social do conflito. Entretanto, parece-nos que para o autor, ao mesmo tempo em que o conflito é estrutural, é também contingencial. A contradição é apenas aparente nesta constatação, explico-me: Tomando como expoente por excelência do conflito, a luta de classes, sendo esta estruturante de toda a sociedade, tenderíamos a dizer que, sob a perspectiva do autor, este conflito estaria fadado ao desaparecimento, emergindo então uma sociedade harmônica. O conflito seria então passageiro.

⁵ O conceito em alemão *Vergesellschaftung* pode ser traduzido literalmente como socialização, dotando o caráter dinâmico deste conceito fundamental para Simmel. Em português, a tradução mais usada é a de socialização, como afirma Evaristo de Moraes Filho, em seu volume dedicado ao autor. O termo em espanhol *socialización* não tem, portanto o mesmo sentido que a palavra *socialização* adquiriu no Brasil.

⁶ Em resumo, não queremos aqui dizer que hoje não existam conflitos sociais, mas que, em comparação com os séculos anteriores, os conflitos tem adquirido uma forma mais amena, o que converge com as características do processo civilizador, conflitos antes resolvidos de forma violenta hoje são mediados pela esfera da “justiça”, por exemplo, ou simplesmente são ocultos, não resolvidos, tendo consequências diretas na estrutura de personalidade do indivíduo, que parece não estar totalmente adaptada a este novo modelo de resolução de conflitos. Vale lembrar ainda que o que convém chamar de processo civilizador não segue uma linha reta, havendo fenômenos mais ou menos recentes de explosões de violência, tratados por Elias em *Os Alemães* (1997).

⁷ Tal fato coaduna-se com o crescimento exponencial que teve a psicanálise ao longo dos séculos, podemos até dizer que “a vida mental” é tão ou mais carregada de incoerências que a vida social. E de fato, essa conflitualidade intrínseca tem levado cada vez mais pessoas a recorrerem aos serviços daqueles que em alguma medida são especializados na resolução de tais problemas: os psicólogos.

“Los intereses contenidos en el seno de un individuo luchan incontables veces entre sí, como los individuos mismos. Durante ésta lucha, acumúlanse en torno a las representaciones dominantes otras que aumentan la fuerza de cada una, de la misma manera que los adeptos a un partido se agrupan en torno a la personalidad directiva. Complejos de sentimiento y pensamiento, que propiamente nada tienen que ver con el conflicto interno, se introducen, sin embargo, en él, pierden su equilibrio anterior y adquieren el colorido de uno u otro de los intereses fundamentales incompatibles; exactamente como una oposición partidista, que separa partes esenciales de un grupo, acaba por escindirlo entero, incluyendo individuos y círculos objetivamente alejados de aquella oposición. Todas las fases de una lucha; el equilibrio de fuerzas, que paraliza temporalmente la contienda; la aparente victoria de un partido, que sólo sirve para dar ocasión a que el otro reúna fuerzas; el influjo de la mera suposición sobre el resultado, sobre la decisión efectiva; la aplicación directa o indirecta de las energías; todas estas formas se dan lo mismo en el curso de los conflictos internos que en el de los externos.” (SIMMEL, 1939, II, p. 349)

2.2- Autocontrole e conflito na vida metropolitana

É interessante notar como podemos aproximar Simmel de Elias, no que toca a uma narrativa sobre a vida moderna, com ênfase no que poderíamos chamar, segundo a terminologia de Elias, dos padrões de autocontrole. Nesse sentido, o texto *A metrópole e a vida mental* oferece ótima reflexão, figurando-se como um texto de síntese das principais idéias de Simmel a esse respeito. Faremos aqui uma pequena análise desse texto, em um recorte temático que pretende vincular autocontrole e conflito.

A brilhante descrição de Simmel da vida e do homem metropolitanos aparece muitas vezes como contraponto a vida rural. Tal recurso de oposição pode ser melhor entendido se retomarmos seu estudo sobre o tamanho dos grupos sociais. Neste texto, Simmel caracteriza a vida rural – com seus grupos pequenos e esparsos – como um ambiente de tranqüilidade, onde o ritmo da vida é mais lento, as relações de um indivíduo são mais profundas, mas com menor número de pessoas. Em contraste, a vida metropolitana é caracterizada pelo fluxo constante, onde o indivíduo recebe muitos estímulos do exterior. Tais caracterizações, que de fato, estão presentes nas imagens mentais do senso comum de todos nós, ganham outro propósito explicativo em Simmel, pois o diferencial aí por ele entendido é o tamanho dos grupos sociais, como dissemos. Assim, Simmel vincula a extensão do grupo – não apenas populacional, mas também, ou principalmente,

no que diz respeito a multiplicidade de vínculos – com uma determinada atitude mental, há aí, a conexão entre o social e o psíquico, entre o coletivo e o individual, se é que podemos separar por completo estas categorias.

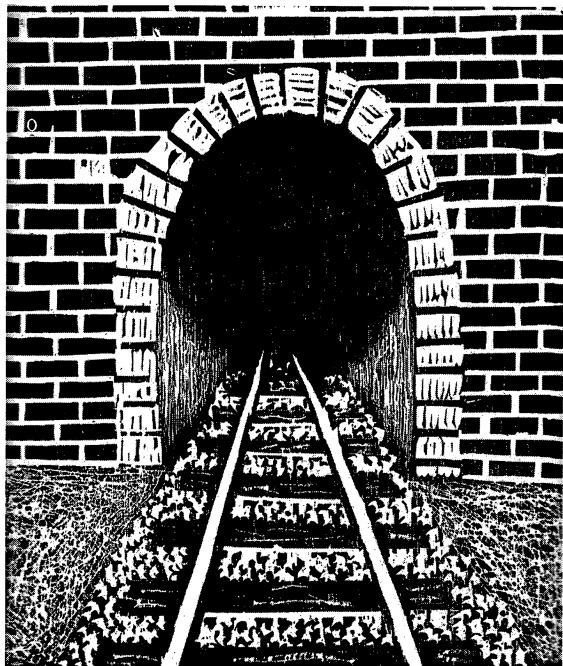
Sendo assim, o homem metropolitano se depara com uma série de situações as quais tem de se adaptar, como por exemplo, o maior número de impressões e sensações a que se submete diariamente. Frente a isso, o indivíduo responde racionalmente, sem mobilizar sentimentos profundos, aí está a gênese do indivíduo *blasé*, que não se curva frente ao qualitativo, ao individual, tratando tudo com a mesma posição de indiferença, ou frieza. Na cidade grande, onde os contatos são pouco intensos, e onde domina a economia monetária, dirigida à racionalidade e à objetividade, essa postura emerge e de certa forma se torna legítima, afinal, como seria possível a vida de outra maneira? Ou seja, sem o elevado grau de autocontrole garantido pela racionalidade, como se daria a manutenção de um todo tão complexo como o que existe nas grandes cidades? Se a vida metropolitana não fosse guiada pelos relógios e pelos cálculos, não seria um caos total?

A vida metropolitana e o que está nela implicado têm efeitos diversos: pois se por um lado a racionalidade das grandes cidades propicia maior liberdade individual, pois as pessoas não são obrigadas à convivência como nas cidades pequenas, e o peso da coletividade é sentido como menor, por outro lado, em alguma medida, a generalização do uso do dinheiro traz em seu bojo um fenômeno negativo, relativo a diminuição do valor do subjetivo:

“o dinheiro, com toda sua ausência de cor e indiferença, torna-se o denominador comum de todos os valores; arranca irreparavelmente a essência das coisas, a individualidade, seu valor específico e sua incomparabilidade.” (SIMMEL, 1987, p. 15)

À cidade grande, Simmel atribui algumas outras deformidades, como a solidão vivida pelos indivíduos como resposta a sua elevada





liberdade, a extrema competição no âmbito do mercado e também na apresentação de si, onde há a urgência da distinção num mundo de indiferenças. Onde os contatos são parcos, a necessidade de se mostrar indefectível é maior, assim, também nesse sentido é exigido do metropolitano maior autocontrole, os desvios de conduta devem ser evitados ao máximo. Onde a divisão do trabalho é tão desenvolvida as pessoas se direcionam para a produção objetiva, material e sua subjetividade – materializada nas artes, por exemplo – não tem um crescimento correspondente, pelo contrário, definha. Parece ser essa a maior tragédia da modernidade. Sobre os efeitos deletérios dessa situação para a existência interior do indivíduo, sobre os conflitos internos decorrentes do alto grau de autocontrole exigido, da miséria da cultura objetiva, do uso do dinheiro como equivalente universal, fatos estes interligados, podemos, por ora, apenas divagar, pois não trataremos deles aqui.

3- O conflito em Norbert Elias

Podemos dizer que Elias corrobora a idéia de Simmel e acredita também que o conflito compõe o social e lhe é inescapável. Sob essa perspectiva, a idéia de ordem, e de conflito como algo oposto a ela, a ser extirpado da vida social é apenas uma imagem-nós que diz respeito, sobretudo, ao crescente valor que a vida ganha na modernidade⁸. Sendo assim, conflitos, guerras, lutas, perdem legitimidade e são vistas com desprezo e como sendo extremamente perniciosas para o social. Logo, ver o conflito como algo danoso é tão ficcional como vê o indivíduo como mônada, como um ser isolado e auto-suficiente. Porém, tais figurações não são consciência falsa⁹, tão somente, e dizem respeito a um modo específico de apreensão do mundo e têm, portanto, efeito de realidade.

Em sua Sociologia dos Processos o que se evidencia, não obstante, é que a forma de

lidar com esses conflitos e as formas tomadas pelos próprios conflitos mudam ao longo dos séculos: Conflitos ou pressões entre grupos levam ao crescente aumento do controle e do autocontrole dos indivíduos. Num processo de longo prazo, a nobreza guerreira vai se tornando nobreza cortesã, e qualquer menção à violência vai sendo banida do palco da vida social – torna-se inaceitável trinchar animais à mesa, ou passar a faca com a ponta voltada para o receptor, por exemplo -, ao mesmo tempo, com a formação dos Estados Nacionais instaura-se paulatinamente o monopólio do uso legítimo da força física, não sendo mais viável ou mesmo possível o que ficou conhecido como “fazer justiça com as próprias mãos”. Assim, a resolução dos conflitos faz uso cada vez menos da violência direta deflagrada sobre o inimigo, passando a ser resolvida pelo que se chama de diplomacia, tomando a forma de conflitos latentes. Tal fato exige do indivíduo, um autocontrole e controle cada vez mais apurados e isso se faz com o correspondente incremento de certa dose de neuroses. Nesse sentido, Elias se aproxima de Freud, ao falar de uma civilização que “produz” cada vez mais inadaptados e traz em seu bojo uma série de eventos traumáticos.

Adotando aqui, uma postura mais detida à obra de Elias, tentaremos esboçar o que seria talvez a psicogênese deste estilo específico de conflito que marca a modernidade, atendendo aos escritos de Elias sobre controle e autocontrole no tocante à classe cortesã francesa.

Na passagem do feudalismo para a formação dos Estados Nacionais, podemos dizer que o aumento do controle e do autocontrole é um fenômeno que se relaciona com a diferenciação de funções, o crescimento das cadeias de interdependência e com uma estratégia de diferenciação social, analisaremos em separado tais ocorrências.

3.1- Sobre a diferenciação das funções e aumento das interdependências funcionais

Fazendo parte de uma corte, onde imperam forças centrípetas, onde se estabelecem relações comerciais com várias áreas e pessoas, a nobreza curializada passa a conviver com outras classes, em nível muito superior às antigas classes guerreiras, da mesma forma, grupos antes apartados passam a estabelecer relações entre si. Tal fato pode ser constatado, por exemplo, se levado em conta, o enorme fluxo das vias rodoviárias e até, a maior complexidade e extensão dessas vias, o crescente aumento dos volumes de comércio intra e interestatais, entre outros.

Diante desse contexto, não é de se espantar as mudanças na economia das pulsões da sociedade cortesã – o implemento do controle e autocontrole para um maior grau de previsibilidade, pacificação, conduta extremamente reflexiva e regrada – tendo em vista as “exigências” sociais para tal¹⁰. A vida social cortesã,

⁸ “In terms of a scientific, an object-orientated inquiry, neither war, nor revolution, neither murder nor concentration camp and genocide is a disorder of society. They form part of the same order as the division of labour in a hospital or a game of football or chess. Only when seen from the I- or We-perspective of specific groups can ‘social order’ appear as an antithesis to ‘social disorder’ and ‘chaos’ or co-operation as antithesis to conflict.” (ELIAS, 1998).

⁹ Na obra de Elias, é patente o rechaço do autor pela utilização de termos como “consciência coletiva”, “ideologia” ou “superestrutura”, conceitos que segundo ele, substancializam processos, e obscurecem as relações em sua verdadeira complexidade. Elias prefere então termos como mútuas implicações, imagens-nós, psicogênese, entre outros, conceitos esses que enfatizam justamente a relação, e não um “produto” dela, algo exterior e reificado.

¹⁰ O que não quer dizer que se trate de uma relação finalística entre a configuração social e as mudanças da conduta, já que tais mudanças não foram intencionais, planejadas, sendo ao contrário, um efeito do contínuo rearranjo das mútuas implicações.

com sua grande complexidade, seria inviável sem um elevado gradiente de controle e autocontrole, da mesma forma que como assinala Elias (1993, p.196) o trânsito numa grande cidade só se torna viável quando extremamente normatizado, ou seja, relacionado a altos níveis de controle e obtendo-se como resposta também o autocontrole do indivíduo. A vida inserida numa longa cadeia de interdependências exige uma conduta constante, sem modificações abruptas, como ocorria antes.

Essas mudanças relacionam-se diretamente com o monopólio da força física pelo Estado, que, se por um lado, permitiu que as pessoas se tornassem mais protegidas contra ataques, por outro, fez com que estas perdessem o direito de exercer a violência contra seus inimigos, o que significa que, de fato, as pessoas tinham em maior grau sua integridade física resguardada, mas em contrapartida, delas era exigido que controlassem melhor suas pulsões. Sendo assim, as pessoas deviam lidar melhor com suas vontades, tendo sempre em vista os efeitos a longo prazo de suas ações, instala-se aí uma maior capacidade – e necessidade – de previsão, e a conduta passa a ser pautada cada vez mais por uma relação de ponderação entre causa e efeitos. Nesse sentido, a conduta torna-se mais “racional”, o que não quer dizer, contudo, que passa a ser despida de valores, ao contrário, a própria racionalização é um ideal, um valor, guiado pela importância que a vida ganha e apoiado na crença de que a contenção pessoal é um bem a ser difundido na sociedade.

3.2- Sobre as estratégias de diferenciação social

Todas essas mudanças sociais ocorrem concomitantemente ao aumento das pressões sociais de uma burguesia ascendente e rica em busca de maior prestígio e poder em face de uma nobreza decadente que conserva unicamente seu status diferenciado. Essa pressão de baixo faz com que a nobreza cortesã busque continuamente refinar seus gostos, sua aparência e sua conduta, em vistas de se distinguir da classe que a ameaça e a repugna.

Entretanto, a vida nas cortes não se tratava apenas de se distinguir da burguesia *ad infinitum*, pois, além de se desvencilhar destas pressões, a classe cortesã deveria evitar também conflitos intraclasse, ou seja, com os outros nobres. E esses conflitos eram promovidos pela exigência da vida cortesã de um equilíbrio tenso entre distinguir-se e ser como os outros nobres: Um bom nobre precisava conquistar boas relações, ser bem querido por diferentes segmentos da corte para alcançar maior prestígio entre os pares e entre os superiores, mas por outro lado, se diferenciar demais poderia causar inveja e até mesmo a suspeita do rei ou de outros nobres, o ostracismo ou a expulsão do “exibicionista” dos grupos e da corte.

Ao mesmo tempo, a condição mesma da *noblesse* é seu refinamento frente às demais classes, de modo que, os costumes, os gostos estão sempre sendo lapidados, e à medida que

a burguesia tenta imitar e tomar pra si tais símbolos de distinção, mesmo que de modo bisonho e inacabado, os nobres mudam e aperfeiçoam seus critérios de conduta aceitável, assim a burguesia está sempre correndo atrás da conduta nobre e sempre também, ficando atrás dela.

Diante de tal panorama pode-se imaginar o quão exigente é esta sociedade, e o quão exigente é o nobre em relação a si mesmo. Essa situação exige como dissemos um comportamento impecável, assegurado por um altíssimo grau de controle e autocontrole e total atenção à própria conduta. Em tal sociedade, imagino, o conflito é sempre latente, a ameaça burguesa constante, e o nobre apenas luta para defender o que acredita ser seu direito: o prestígio. Pensamos então que os efeitos disso são deletérios, na medida em que a viabilidade de tal contexto está na contramão de um indivíduo mais desprendido e talvez mais em paz consigo mesmo. A pressão e o conflito sofridos pela alma do nobre cortesão apontam a graus alarmantes, pois ser polido é guardar pra si todo tipo de tensão que possa existir, é não expressar suas vontades, não hesitar em ser passivo numa situação de constrangimento, onde o que se queria na verdade era ir contra tudo e todos. Até que tais comportamentos sejam tão internalizados que deixam de ser conscientes, tornando-se uma “segunda natureza”. Aí, o conflito interno, digamos assim, toma outras formas, sendo inconsciente, torna-se ainda mais difícil de lidar com ele, e, esse conflito, agora superegóico podemos dizer, é potencialmente muito mais destrutivo que o anterior, pois foge da alçada do indivíduo, que o suporta sem saber o que ele significa, e, por conseguinte, sem saber o que fazer para dele escapar.

3.3- Conflito e Controle

Como podemos ver, a ética guerreira, calca na idéia de honra, onde nunca se abandonava a luta, mesmo que se soubesse da impossibilidade de vitória, onde massas lutavam até morrer, e o perigo era constante, foi aos poucos sendo mudada – impulsionada pelo monopólio da força física pelo Estado, pelo aumento da interdependência, pela perda de poder da nobreza – para uma situação onde o perigo externo diminui, onde o ambiente não oferece mais tantas possibilidades de luta, mas isso não significa que a luta, o conflito, perderam lugar, mas que eles passaram a estar mais presentes na estrutura de personalidade. O perigo passa a se relacionar com o medo de não corresponder às expectativas alheias de controle e autocontrole, com o medo de “perder a face”, e isso se alia a necessidade das pessoas de estarem sempre concentradas em si mesmas, pois o autocontrole se faz justamente na reflexão sobre a própria conduta:

[...] o campo de batalha foi, em certo sentido, transportado para dentro do indivíduo. Parte das tensões e paixões que antes eram liberadas diretamente

na luta de um homem com outro terá agora que ser elaborada no interior do ser humano. As limitações mais pacíficas a ele impostas por suas relações com outros homens espelham-se dentro dele; um padrão individualizado de hábitos semi-automáticos se estabeleceu e consolidou nele, um "superego" específico que se esforça por controlar, transformar ou suprimir-lhe as emoções de conformidade com a estrutura social. Mas os impulsos, os sentimentos apaixonados que não podem mais manifestar-se diretamente na relação entre pessoas freqüentemente lutam, não menos violentamente, dentro delas contra essa parte supervisora de si mesma. Essa luta semi-automática da pessoa consigo mesma nem sempre tem uma solução feliz, nem sempre a autotransformação requerida pela vida em sociedade leva a um novo equilíbrio entre satisfação e controle das emoções. Freqüentemente, fica sujeita a grandes ou pequenas perturbações —, à revolta de uma parte da pessoa contra a outra, ou a uma atrofia permanente — que torna o desempenho das funções sociais ainda mais difícil, se não impossível. As oscilações verticais, os saltos do medo à alegria, do prazer ao remorso, se reduzem, ao mesmo tempo que a fissura horizontal que corre de lado a outro da pessoa, a tensão entre o "superego" e o "inconsciente". — os anelos e desejos que não podem ser lembrados — aumentam." (ELIAS, 1993, II, p. 203)

O homem cortesão pode ser representado pela figura de um homem tão preocupado consigo que quase chega a ser paranóico. Desde a infância, são instiladas nele largas doses de medo, vergonha e embaraço, afetos que compõem e definem o seu modelo de autocontrole. Tal controle pode ser introduzido a tal ponto que o indivíduo passa a ser incapaz de realização do prazer. Pois esse controle não é somente exercido socialmente, mas o próprio indivíduo vive um conflito consigo mesmo, já que está inserido numa balança desequilibrada entre restrição e paixões. Nesse sentido, Elias afirma que a civilização do ser humano, é um processo que sempre deixa cicatrizes (ELIAS, 1993, II, p. 205) e que uma relação não problemática entre controle e prazer é quase impossível.

Ao fim, o autor diz que o processo de racionalização da conduta se centra nos conflitos entre nobres e burgueses, que não mais podiam resolver suas desavenças por meio da violência. Esse modelo de racionalização e auto-regulação, como outros vários traços do Processo Civilizador, foram aos poucos sendo disseminados por outras classes, tornando-se predominante em todo o Ocidente.

4- Conclusão

Para finalizar, podemos dizer que, para Elias, os "conflitos internos" e os "conflitos externos" possuem uma relação de mutualidade, ou

melhor, já que o autor não concorda com esta dicotomia, podemos dizer que conflitos na estrutura da personalidade se dão *pari passu* aos conflitos na estrutura social, já que, para ele, não é possível pensar o social destituído de suas significações psíquicas. Sendo assim, pensar o conflito em Elias, destituído de suas considerações "superegóicas", por assim dizer, seria errôneo.

Já Simmel, consagrado por suas digressões sobre o conflito, oferece-nos um modelo aplicável a várias instâncias: estatal, política, familiar, trabalhista, entre outras. Sua ênfase no caráter "funcional" do conflito, entretanto, em parte obscurece a dimensão subjetiva deste, e ao realçar suas conseqüências positivas para o social, deixa um pouco de lado a problematização do conflito no âmbito individual. E, embora, como vimos, tenha tratado deste tema, figura como um autor "clássico", justamente no trato da dimensão formal do conflito. Conquanto tenha dito que, no indivíduo é possível ver a luta, o conflito, o autor prioriza o indivíduo como mero depositário do conflito, tratando em menor escala, do indivíduo enquanto ser onde se realizam conflitos, onde se travam lutas. Tal constatação de maneira nenhuma é vista aqui como uma deficiência do autor, parece se tratar apenas de uma escolha teórico-metodológica, que deixa margem para que futuros autores tratem mais detidamente do tema.

Os dois autores se separam em um ponto específico: a questão das motivações. Simmel, de alguma forma, prioriza as representações do conflito e supõe a intencionalidade dos sujeitos quando da ocorrência deste. Já Elias, enfatiza o problema das disposições, dos usos e práticas, e supõe que as estruturas e processos sociais, frutos das interpenetrações dos indivíduos, não podem ser explicadas por processos psicológicos individuais, e no patamar das relações não é possível falar de finalidades (ELIAS, 2008, p. 50), embora, todas as volições, em conjunto, sejam formalmente constitutivas da trama, mesmo não o sendo conteudisticamente falando¹¹.

Sabe-se que Elias, foi um grande leitor de Simmel, e sua sociologia foi fortemente influenciada pelo autor. Há quem diga que Simmel foi um ótimo cronista, um brilhante narrador do cotidiano. Talvez inspirado no autor, Elias ilustra a ascensão do conflito na estrutura de personalidade com pequenos exemplos como: a busca do prazer na sublimação estética, já que o prazer foi em grande parte retirado da vida comum por exigências de um elevado gabarito de autocontrole; e sua elaboração sobre a pacificação da vida e o aumento da violência passiva em detrimento da violência ativa, ou seja, agentes da violência tornam-se expectadores dela, o que pode ser visto na popularização do boxe e de outros esportes violentos (ELIAS, I, 1993).

Simmel e Elias fornecem modelos para pensar o conflito e em especial o conflito individual, e, embora sigam caminhos diferentes, ambos oferecem valiosas reflexões sobre um modelo que se opõe a idéias e teorias que postulam o equilíbrio sem tensões e a coerência como lógica. Ambos retratam bem o conflito em várias

¹¹ Tal concepção se apresenta na metáfora da trama das interdependências como uma dança de salão, contida na Introdução da edição de 1968 do Processo Civilizador – volume I: O arranjo dos dançarinos não diz respeito à posição de qualquer um deles em particular, mas certamente não haveria tal desenho sem que houvesse dançarinos, quaisquer que sejam estes. Do mesmo modo, a rede de interpenetrações não se reconhece em nenhuma volição particular, mas não existiria sem essa.



esferas e suas contribuições para a sociologia são inquestionáveis. No desenrolar desse texto, apresentamos apenas algumas reflexões sobre o tema do conflito nestes dois autores, não nos foi possível ir mais além no que toca a proposta

teórica mais ampla de ambos. No entanto dada a centralidade – recém colocada, alguns podem dizer – desses autores na literatura sociológica, recomenda-se uma imersão mais profunda na obra dos mesmos.

Submetido em fevereiro de 2010

Aprovado em maio de 2010

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ELIAS, Norbert. (2008) *Introdução à Sociologia*. Lisboa, Ed. Edições 70.
- _____. (1993) *O Processo Civilizador, Volumes 1 e 2*. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar.
- _____. (1997) *Os Alemães - A luta pelo poder e a evolução do habitus*. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar.
- _____. (1998), *The Norbert Elias Reader: a biographical selection*. In *J. Gouldsblom & S. Mennell*, Oxford, Ed. Blackwell Publishers.
- NEIBURG, Frederico; PONTES Heloísa; SOUZA Jessé et al (1999), in *L. Waizbort (orgs), Dossiê Norbert Elias*, São Paulo, Edusp.
- SIMMEL, Georg. (1939) *Sociología: Estudios sobre las formas de socialización, Volumes 1 e 2*. Buenos Aires, Compañía Editora Espasa-Calpe Argentina S. A.
- _____. (1987), "A Metropole e a Vida Mental", in *D. Velho (orgs), O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara.
- _____. (2005), in *J. Souza & Ö. Berthold (orgs.), Simmel e a modernidade*, Brasília, Editora UnB.